

“Vinagre” na rede: poesia ao rés do chão em movimentos sociais*

Talita Vieira Barros**

Resumo:

O presente trabalho pretende realizar uma reflexão acerca dos modos de produção e circulação de poemas políticos na atualidade, a partir da coletânea *Vinagre – uma antologia de poetas neobarracos*, lançada na internet em junho de 2013, tendo como pano de fundo e inspiração os protestos que ocorreram em todo o país. Com duas edições, a coletânea reúne 157 poetas. O objetivo é observar características das novas formas de relação social com o advento da internet, que facilita a circulação de informações, textos, imagens e também poemas. A partir das novas experiências de leitura (segundo Lévy) e da organização social (Castells) em um mundo conectado, pretende-se refletir sobre a permanência da obra literária, com foco nos poemas criados no calor do momento.

Palavras-chave: pós-modernidade; protestos; poesias.

1. Introdução

As Jornadas de Junho de 2013 se mostraram um grande movimento que insere o Brasil dentro das manifestações organizadas por meio das redes sociais. Outra característica importante foi a capacidade de mobilização, que reuniu diversos segmentos sociais nas ruas,

* Este artigo foi apresentado no VI ENLETRARTE (Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes), no IFF *campus* CAMPOS CENTRO, em junho de 2015. Foi desenvolvido sob a orientação da professora doutora Analice de Oliveira Martins.

** Mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), especialista em Literatura, Memória Cultural e Sociedade pelo Instituto Federal Fluminense (IFF), licenciada em Letras (Português-Literatura) pela Universidade Salgado de Oliveira (Universo) e graduada em Comunicação Social (habilitação Jornalismo) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista Universidade Aberta na UENF e professora de Literatura no Colégio Bittencourt. E-mail: tv.barros@yahoo.com.br.

tornando-as um fecundo espaço para as disputas narrativas que temos acompanhado no decorrer desses últimos dois anos. Disputa que alcançou diversos níveis da linguagem – desde o texto jornalístico até a criatividade dos poetas que foram às ruas e se solidarizaram com tantos outros cidadãos.

Este artigo apresenta a experiência poética durante os protestos brasileiros de 2013, que criaram um imaginário de que algo estava a mudar, mesmo que passado mais de dois tenha ficado a sensação de que foi uma expressão meramente sentimental e com poucos resultados políticos e sociais (afinal, as passagens aumentaram). Trataremos do papel da crítica literária na contemporaneidade, quando a publicação de alguma obra não necessita de sua chancela, e do ethos do poeta nesta construção que chega ao público de forma coletiva.

2. Redes sociais: novas maneiras de fabular

O sociólogo espanhol Manuel Castells se refere aos protestos no Brasil em 2013 como reveladores do sentimento de desrespeito que acomete os cidadãos.

Em algum momento, há um fato que traz à tona uma indignação maior. [...]. O fato provoca a indignação e, então, ao sentirem a possibilidade de estarem juntos, ao sentirem que muitos que pensam o mesmo fora do quadro institucional, surge a esperança de fazer algo diferente. O quê? Não se sabe, mas seguramente não é o que está aí. Porque, fundamentalmente, os cidadãos do mundo não se sentem representados pelas instituições democráticas. Não é a velha história da democracia real, não. Eles são contra esta precisa prática democrática em que a classe política se apropria da representação, não presta contas em nenhum momento e justifica qualquer coisa em função dos interesses que servem ao Estado e à classe política, ou seja, os interesses econômicos, tecnológicos e culturais. Eles não respeitam os cidadãos. É esta a manifestação. É isso que os cidadãos sentem e pensam: que eles não são respeitados¹.

Castells (2013, p. 161) também argumenta sobre a formação de “espaço da autonomia, que é a nova forma espacial dos movimentos sociais em rede”. Muito além de descrever os movimentos, o sociólogo apresenta novas relações sociais formadas a partir das redes.

Relações de companheirismo e não comunidade, haja vista que o que está em jogo é uma série de valores comuns, que passam a ser enxergados no momento do movimento, pois cada cidadão ingressa com seu repertório próprio de objetivos e motivações: “O que esses

1 CASTELLS, M. Disponível em: <http://www.acessepiaui.com.br/vc-no-acesse/soci-logo-manuel-castells-analisa-protestos/23162.html>. Acessado em agosto de 2013.

movimentos sociais em rede estão propondo em sua prática é uma nova utopia no cerne da cultura da sociedade em rede: a utopia da autonomia do sujeito em relação às instituições da sociedade” (CASTELLS, 2013, p. 166).

Os protestos em rede também revelam a facilidade para uma guinada brusca nas mudanças de pauta. O movimento no Brasil, em 2013, tinha um viés inicialmente definido e logo fora modificado para protestos difusos contra a corrupção. Apesar da força das redes sociais mostrada nestas manifestações, a capacidade de articulação de um discurso conservador e moralista da televisão brasileira é latente:

[...] desde que a televisão se transformou em 'mídia de massa' hegemônica, a cultura política que vem sendo construída e consolidada no Brasil tem sido a de permanentemente desqualificar não só a política em si como seus atores. E é no contexto dessa cultura política que as gerações pós-ditadura foram formadas, mesmo não sendo usuárias diretas da velha mídia (LIMA, 2013, p. 90).

Esse novo modo de interação acarreta ainda outras modificações: “Há uma íntima conexão entre as redes virtuais e as redes da vida em geral. O mundo real em nossa época é um mundo híbrido, não um mundo virtual nem um mundo segregado que separaria a conexão on-line da interação off-line” (CASTELLS, 2013, p. 169).

Com isso, a relação entre emissor e receptor se reconfigura, haja vista que nesta experiência social marcada pelo atravessamento da internet favorece-se o falar coletivo. Acontece uma ruptura/distinção na hierarquização comunicativa. Privilegia-se e horizontaliza-se o “nós”. Essa pluralidade de vozes é também característica de um suporte interativo para a veiculação.

Assim, no Brasil, essa vivência mista foi o ponto nevrálgico das manifestações, visto que os canais de comunicação via internet pulverizaram as vozes, permitindo que uma enxurrada de ideias, pensamentos, opiniões, poemas fosse compartilhada. A qualquer cidadão era permitido não só ler o que alguém dizia sobre os protestos, mas ele próprio contribuir para a construção de uma narrativa ampla, dispersa e inconclusa. Portanto, nas redes sociais não se trata apenas de mera troca de informações ou uma possibilidade de estar informado, mas da construção de uma trama de subjetividade que perpassa a afetividade dos vínculos de amizade.

Essas possibilidades encontram espaço fecundo na internet, que não segue a lógica da televisão, por exemplo, em que predomina o entretenimento. Segundo Castells (2003, p. 165), o que se encontra na internet é a “transmissão de fonte aberta, a livre divulgação, a

transmissão descentralizada, a interação fortuita, a comunicação propositada e a criação compartilhada”. No entanto, essa interação via redes sociais também apresenta um viés agressivo, propiciando debates acalorados e mesmo o ódio exacerbado.

No campo poético houve também manifestações, em que poetas-cidadãos colocaram suas experiências vividas nas ruas (ou mesmo o acompanhamento externo aos protestos nas ruas) em versos. O poeta Fabiano Calixto fez um chamamento público no Facebook e lançou, em formato PDF, duas edições da coletânea *Vinagre – uma antologia de poetas neobarracos*² no que denominou “mar virtual”.

Vinagre é um e-book: contém capa, ficha catalográfica, prólogo, apresentação da obra, epígrafe e uma editora (Edições V de Vândalos). A coletânea enaltece o vinagre, utilizado nas manifestações para bloquear os efeitos das bombas de gás lacrimogêneo. É uma obra de organização coletiva, sob a licença *Copyleft*, que “tem por base a apropriação e a total implosão dos mecanismos jurídicos de 'propriedade intelectual' e na superação da dicotomia produtor – receptor”³.

Então, nas redes sociais, *a priori*, não há espectador (e se houver será rechaçado como aquele que espia: o *stalker*), mas uma comunidade de parceiros em conversa numa *timeline*, gerando um efeito de sobreposição discursiva no regime da economia de atenção. Sua base é a fala transformada nos 'muitos que narram a partir da ocupação do mundo'. [...] As redes sociais deixam de ser regidas pelas relações entre sujeitos emissores e objetos receptores, para tornarem-se redes de agenciamento coletivo e maquínico de subjetivação (ANTOUN E MALINI, 2013, p. 214 e 215).

A rede permite a construção de uma trama de subjetividades que tenta subverter o capitalismo, incapaz de controlar todos os fluxos de conteúdo na internet⁴. “O capitalismo não se expande – multiplicando os canais, penetrando nos níveis mais moleculares, dilatando-se complacente para admitir o que quer neutralizar, inventando, reutilizando – sem oferecer perigo para si mesmo” (CAIAFA, 2000, p. 61).

2 A primeira edição da coletânea foi lançada na internet no dia 17 de junho de 2013, contendo a produção de 81 poetas (com 77 poemas e quatro criações icônicas). A capa foi ilustrada pela arte do grafiteiro britânico Banksy em que um homem atira flores no lugar de uma bomba incendiária. Quatro dias depois, foi lançada, também na internet, a segunda edição, ampliada, com capa ilustrada pelo brasileiro Diego de Sousa, a qual não está sendo analisada nesta pesquisa. Ao total, foram 157 poemas (e poetas).

3 BELISÁRIO, A. *Guerrilhas e Cópias*. Disponível em: <http://copyfight.me/livro-copyfight/sobre-guerrilhas-e-copias-adriano-belisario/>. Acesso em maio de 2014.

4 “O paradoxo capitalista é ter que barrar a socialização, compartilhamento e difusão cada vez mais veloz da produção, resultado do trabalho cognitivo e afetivo, que não pertencem mais ao capital, mas resultam das relações sociais de cooperação. Barrar a produção de riqueza do comum com base no direito de propriedade, *Copyright*, máquinas de patentes e inúmeras operações de criação de escassez artificial para impedir a epidemia colaborativa ou os novos mecanismos de captura real e simbólica da riqueza dos muitos” (BENTES, 2013, p. 11 e 12).

3. Modos de produção e circulação da poesia

Em 2013, foi um desarranjo social que explodiu nas ironias das palavras e no esfumaçamento de qualquer separação entre gêneros artísticos. Percebe-se também o espírito despojado, muito típico da poesia brasileira dos anos 70, permeada pelas experiências políticas dos anos de chumbo:

Os 26 poetas dos anos 1970, imbuídos de desbunde, do espírito rebelde, lúdico e libertino dos inconformados daquele tempo, formam uma tradição literária anticonvencional, cujos traços recorrentes podemos delinear: coloquialismo, espontaneidade, brevidade, força crítica do humor, poetização do relato cotidiano, anotação do momento político, libertação das repressões políticas e morais. Oscilando entre o tom melancólico e o eufórico, ironizam os costumes e crenças dominantes, disparando chistes contra os valores mais prezados pelo conservadorismo da época⁵

A poética dos neobarracos se assemelha ao engajamento revolucionário visto em poetas do início do século XX que colocam suas palavras a favor das ruas e das tensões sociais, como no poema de Fabiano Calixto:

DARK MEDIEVAL TIMES

Para todos os corajosos vândalos do meu tempo

os vândalos botaram vinagre na vã filosofia
botaram de volta a revolta na rua, poesia na poesia

ruído contra a oligarquia, a voz dos vândalos
perfuma o concreto, o asfalto, o tédio, o sândalo

o enfrentamento, o atrito, única resposta válida
ao mundo vago, gago, sombrio, reça, cara pálida

(de dentro do apartamento o covarde alardeia
seu mimimi, sua burrice, cu na mão & pança cheia)

os vândalos sabem que tanto o preço da passagem
quanto a propriedade são uma imensa ladroagem

contra a bundamolismo do mundo funcionário
o caleidoscópico hálito dos carbonários

5 SANTOS, V.C. Poesia Marginal: Lírica e Sociedade em Tempos de Autoritarismo. In: Revista Literatura e Autoritarismo: Rememoração e Reminiscência. Número 16.

Disponível em: http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num16/art_06.php. Acessado em janeiro de 2014.

revolta, sangue & vinagre, não se perca de si
não se esqueça de si, não amoleça, a rua é logo ali

Na verdade, eles tencionam agir como poetas-cidadãos, irmanados, cada qual com sua própria subjetividade ou subjetividades, por uma conjuntura social que se apresentava, não vagueando e observando, mas atuando de dentro da multidão, como fala, em entrevista para este trabalho, o poeta Alberto Pucheu, que escreveu um texto no Facebook, transformado posteriormente no prólogo da coletânea.

Conhecia alguns dos poetas pessoalmente de antes, outros, pelo facebook mesmo (o próprio Calixto eu só o conheço do face – e pelos seus livros, claro), outros, não conhecia. Mas, para mim, não há tanto a questão de se somar a outros poetas na jornada de junho; há a questão de estar ali, anonimamente com outros anônimos.

Mesmo o anonimato pretendido nas manifestações, na poesia, no entanto, não é possível acontecer o apagamento do ethos, “o sujeito de enunciação enquanto está enunciando o que está em jogo” (MAINGUENEAU, 2001, p.138). Para o autor, o ethos está atrelado ao exercício da palavra e não ao indivíduo real, tanto nos registros orais quanto nos escritos. Assim, existe um tom de enunciação que não coincide com o autor de fato do texto.

Trata-se, de fato, dessa representação do enunciador que o co-enunciador deve construir a partir de índices de várias ordens fornecidos pelo texto. Essa representação desempenha o papel de um fiador que se encarrega da responsabilidade do enunciado (MAINGUENEAU, 2001, p.139).

O anonimato se dá enquanto exercício da cidadania. Na atividade poética, cada poeta assina seu próprio poema. Em novas configurações sociais, no entanto, a notoriedade do artista/poeta não se sobrepõe à construção artística, tal como a análise de Guattari sobre as máquinas estéticas capazes de criar mecanismos que suplantem subjetividades padronizadas no seio do capitalismo:

É nas trincheiras da arte que se encontram os núcleos de resistência dos mais conseqüentes ao rolo compressor da subjetividade capitalística, a da unidimensionalidade, do equívoco generalizado, da segregação, da surdez para a verdadeira alteridade. Não se trata de fazer dos artistas os novos heróis da revolução, as novas alavancas da história! A arte aqui não é somente a existência de artistas patenteados mas também toda uma criatividade subjetiva que atravessa os povos e as gerações oprimidas, os

guetos as minorias (GUATTARI, 1992, p. 115).

Os versos dos neobarracos vão de encontro ao descaso político e ao autoritarismo da polícia. Põe-se em verso ainda o desengano com a imprensa. São gritos que se somam na compilação *Vinagre*, assinada pelos Vândalos. Há um desleixo, um deboche na coletânea ao que está estabelecido, mesmo o próprio formato da coletânea.

Essa coisa de se apropriar de um termo e torná-lo outra coisa é típico da poesia. O discurso oficial usava o termo —vândalo! como desqualificante dos manifestantes – mas também o poeta é um vândalo dos significados. Ele pega as palavras e as destrói, constrói a partir delas outros significados possíveis. Fizemos o mesmo com o Vândalo: de um signo de destruição da propriedade privada, o vândalo passa a ser um reconstrutor, alguém que faz parte da dialética natural e que é fundamental para a reconstrução do nosso país⁶.

Os poetas personificam cidadãos insatisfeitos que protestam. Tal como a imagem de capa da primeira edição da *Vinagre*, um homem com boné e rosto parcialmente coberto lançando flores no lugar de uma bomba ou pedra, do artista de rua britânico Banksy, os poetas vândalos e neobarracos vieram para transgredir a ordem por meio de suas experiências.

6 Entrevista à revista Cult. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/06/vinagre-e-poesia/>. Acessado em dezembro de 2013.



Figura 7 – Capa da coletânea *Vinagre*

(Fonte: https://www.mediafire.com/view/8xo1155vho004ir/VINAGRE_UMA_ANTOLOGIA_DE_POETAS_NEOBARRACOS_junho2013.pdf)

Lemos os poemas enxergando no poeta aquele que quer reverter o caos urbano – de desleixo com os direitos dos cidadãos – e que, para isso, utiliza-se do caótico.

Vivemos numa das sociedades mais desiguais do mundo. Não consigo levar a sério um artista ou intelectual que escolha ignorar, em sua obra, esse fato. Se o artista se perguntar, a cada passo, se o que está fazendo não colabora para manter a sociedade no atual estado de iniquidade, já estará fazendo grande coisa [...]. Uma das cenas inaugurais da poesia que ainda é a nossa é a de Rimbaud escrevendo à luz da Comuna de 1871, reivindicando para a poesia uma capacidade de intervenção e invenção política semelhante à do povo nas ruas⁷.

O leitor, por meio da leitura dos poemas ou mesmo no primeiro olhar lançado à coletânea – a imagem do Banksi e a obra coletiva dos poetas vândalos e neobarracos –, é capaz de elaborar uma imagem do autor “com base num conjunto difuso de representações sociais avaliadas de modo positivo ou negativo, de estereótipos que a enunciação contribui para confirmar ou modificar” (MAINGUENEAU, 2006, p. 272).

Desse modo, com as informações preliminares da coletânea, o ethos dos poetas condiz à imagem de um revolucionário, inconformado com as representações dadas aos protestos via imprensa e disposto a atuar a partir da palavra para a mudança social. Neste caso, a poesia tem um caráter político, de subverter as ordens políticas de repressão. Os poetas estão ao rés do chão e são parte integrante da multidão que é constituída, segundo Negri, por singularidades não-representáveis.

Multidão é o conceito de uma potência. Somente analisando a cooperação podemos, com efeito, descobrir que o todo de singularidades produz além da medida. Esta potência não deseja apenas se expandir, mas, acima de tudo, quer se corporificar (NEGRI, ?, p. 17).

O ethos dos poetas se coaduna com a identidade de quem se intitula vândalo. Sua voz é importante porque se relaciona a outras tantas na mesma coletânea. Do mesmo modo que não há uma liderança nos protestos de rua, também não há o autor, o poeta que fala ou se expressa em nome dos cidadãos.

Assim, vemos o distanciamento de um lugar privilegiado para a poesia, que em outros períodos ou contextos reforçam um caráter boêmio, tal como os poetas românticos,

⁷ FREITAS, G; SPREIER, P. Entrevista do professor e poeta Eduardo Sterzi, que também teve um poema publicado na *Vinagre*. Ação e Invenção. **Jornal O Globo** (Caderno Prosa e Verso), Rio de Janeiro, 27 de julho. 2013.

envoltos em seu mundo pessoal, “seduzidos pelas expectativas de um mundo humanizado, com as promessas de abundância pela tecnologia (Revolução Industrial) e de liberdade pela democracia (Revolução Francesa)”⁸. A compreensão da composição poética se faz a partir de seu caráter revolucionário.

Vinagre é um grande registro em verso de um esfacelamento social. Um diário urbano, poema-crônica, uma imensa colcha de retalhos costurada de Norte a Sul do país: “Fronteiras e muros delimitadores de territórios impenetráveis são atravessados, no século XXI, acirrando o que, anteriormente, em outro contexto, Karl Marx identificara como a solidez que se desmancha no ar” (MARTINS, 2009, p. 102).

Os versos transpiram os corpos cansados. Como frisa Alberto Pucheu em seu texto-prólogo na coletânea não são questões identitárias ou trabalhistas que moveram os protestos. Para ele, “é qualquer um que está em questão, não importando se jornalista em trabalho, motoboy, estudante, secretária, professor, funcionário público, dono de barraquinha de água de coco, quem quer que seja. qualquer um”.

A força de *Vinagre* está no fato de ser, ela própria, um poema-multidão. O que seriam os poemas no perfil de cada poeta se não fosse a compilação e a anterior convocação, que revelou insatisfações e diferentes matizes de um Brasil em erupção? Perder-se-iam no Facebook após algumas semanas ou talvez não teriam sido escritos sem o chamamento feito por Calixto.

A dinâmica social, da rede-rua-rede, se mostra na coletânea. Não há um espectador no Facebook, tal como referenciam Antoun e Malini. Todos participam e têm voz. Assim, também na concepção literária, os papéis se mesclam e mesmo pulam etapas, ou seja, os modos de circulação já não dependem de outra pessoa que não o(s) autor(es):

Outra alteração paradigmática que se observa nas reconfigurações promovidas pelas novas tecnologias é a mobilidade dos lugares ocupados pelo escritor, pelo crítico e pelo leitor, numa nítida acumulação de funções. O mesmo que escreve lê seus pares e é por eles lido. O que apenas lia, opina publicamente. De certa forma, escreve, interfere (MARTINS, 2009, p. 102).

Diante de todas as alterações, rupturas vivenciadas neste período chamado pós-modernidade, o comportamento do poeta para a produção de um poema, principalmente com um propósito político, não se isenta da rapidez e da facilitação permitidas pela internet. Portanto, o crítico literário na contemporaneidade não pode desconsiderar esses rearranjos e

8 LYRA, Pedro. O lugar da poesia. Disponível em: <http://rascunho.gazetadopovo.com.br/o-lugar-da-poesia/>. Acessado em dezembro de 2014.

mesmo o papel das redes que altera, de forma drástica, os modos de escrita, de leitura e de circulação.

Ao crítico dotado do olhar panorâmico, cabe então estabelecer as redes de afinidades ou desafinidades que melhor permitam pensar cada poeta em sua projeção. Poeta e crítico, escrita e leitura, enredados agora no novo contexto de textos, com seu novo contexto de referências [...]. Enredados quer dizer: produzindo em rede, produzindo redes. Redes entrecruzadas projetando cenários prismáticos (MORICONI, 2014, p. 83).

O desenvolvimento desse olhar panorâmico citado por Moriconi está na apurada observação dos atuais depositórios de poemas, que encontram farto espaço na internet, em blogs e sites, sejam especializados ou não. “Os sites são, no campo digital, o que eram as revistas na hegemonia do impresso” (MORICONI, 2014, p. 89).

Em entrevista ao jornal *Cândido*, o poeta Eduardo Sterzi explicou o porquê de considerar relevante a leitura de blogs e sites. Ele ressaltou ainda a crise dos veículos de comunicação:

Na verdade, atualmente, dou muito mais valor ao que é publicado em blogs e redes sociais do que ao que é publicado em jornais de (suposta) grande circulação. E isto não só no campo da cultura, mas também, e sobretudo, no da política. Quem hoje leva a sério as nossas revistas semanais, como *Veja* ou *Época*? Quem acredita no que é publicado na *Folha de S. Paulo* ou no *O Globo*?⁹

A perda da credibilidade de espaços de ampla circulação e as aberturas para a publicação na internet também acabam por interferir no papel do crítico, que também perdeu sua aura de grandiosidade e autoridade. Cabe a ele, agora, “contentar-se com o seguinte ponto de partida: existem os poemas, ponto. Pontos. Pontos de interesse, alguma luz, grumos do belo, do belo-irônico” (MORICONI, 2014, p. 83).

Ainda é difícil apontar os caminhos abertos pelos protestos, afinal, nossas referências estão em mutação. As manifestações de 2013 foram muito mais uma explosão de sentimentos e insatisfação do que um projeto bem arquitetado do que se quer alcançar ou modificar. Os cidadãos mostravam esgotamento com o modelo que se segue, emperrando a vida urbana. Há

9 A crítica em crise. Disponível em: <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=629>. Acessado em dezembro de 2014.

um desejo potente pelo novo, sem preocupações com a permanência, como é possível notar ao final do poema:

QUERO O NOVO!

*O futuro
não virá por si só
se não tomarmos medidas.
Pega-o pelas orelhas, komsomol!
Pega-o pela cauda, pioneiro!*
Maiakovski

Vou acabar com tudo! Destruir!
Já não quero meus velhos brinquedos
Não vou doá-los
Vou queimá-los!

Estudar já não posso!
Ver esses filmes de explosões e pipoca já não posso !
Essa música enlata, conservada, pasteurizada
Ouvi-la não posso
Quero o novo
O novíssimo
Abaixo a velharia, que resistia
Não quero essa velha escola
Não quero essa velha guarda
Não quero essa velhacaria

Ponha tudo ao pó!
Pra que possamos renascer
Sobreviver!

Se faça uma nova sociedade
Um novo mundo
Sem os infinitos
ISMOS

Que seja então a *ADE*
Verdade, Vontade, Sinceridade, Solidariedade
Capacidade, Cumplicidade sem Competitividade
nem Rivalidade

Essas, eram da outra
da velhinha
Não da nova!

Quero o novo
Um novo povo
Um novo povo vigoroso!

Fora com os senhores
Tomaremos e destruiremos as velhas mansões
E seus carrões

Teremos o novo
Seremos o novo
Se o novo quisermos

Porque o velho serviu apenas para poucos
E nós somos muitos
Milhares de servos

Conquistaremos o novo
Viveremos no novo
Pra que um dia nossos netos ou bisnetos
O colocar abaixo! De novo!
(Fabiano Fernandes Garcez)

Em *Vinagre*, tem-se uma ideologia ligada ao pensamento de esquerda, mas para onde caminhar se o futuro é incerto e não deve ser imutável, tal como sentencia o poeta Fabiano Fernandes Garcez. A concepção do tempo e do espaço, na pós-modernidade, se alterou profundamente. Em função disso, a arte pós-moderna não é vanguardista, segundo Bauman, porque vivemos em um tempo de movimento, não havendo distinções entre o que está na dianteira e o que está atrás.

Em vez de um exército regular, as batalhas disseminadas, agora, são travadas por unidades de guerrilha; em vez de uma ação ofensiva concentrada e com um objetivo estratégico determinado, ocorrem intermináveis escaramuças locais, destituídas de finalidade global. Ninguém prepara o caminho para os outros, ninguém espera que os outros venham em seguida (BAUMAN, 1998, p. 122).

A escrita, segundo Lévy, deslocaliza, desobriga o emissor e o receptor comungarem de um mesmo tempo e espaço. Com isso, foi preciso que a leitura se fizesse a partir de um refinamento das práticas interpretativas. Já para a escrita, havia a necessidade de uma preocupação com a produção de enunciados autossuficientes que dessem conta da falta da presença do outro, favorecendo assim mensagens que correspondessem a critérios de universalidade. Já a produção atual responde a outra lógica.

Pois o texto contemporâneo, alimentando correspondências on line e conferências eletrônicas, correndo em redes, fluido, desterritorializado, mergulhado no meio oceânico do ciberespaço, esse texto dinâmico reconstitui, mas de outro modo e numa escala infinitamente superior, a copresença da mensagem e de seu contexto vivo que caracteriza a comunicação oral. De novo, os critérios mudam. Reaproximam-se daqueles do diálogo ou da conversação: pertinência em função do momento, dos leitores e dos lugares virtuais; brevidade, graças à possibilidade de apontar imediatamente as referências (LÉVY, 1996, P. 39).

A internet altera a experiência social, mas também modifica a escrita no que diz respeito ao registro e à captação do que acontece: a escrita se aproxima da fala, “do estatuto do directo, do actual, do simultâneo, do efêmero, simulando assim a natureza presencial da voz. A internet baseia-se neste carácter dialogal, reticular e simultâneo da comunicação, arrastando a escrita nesse movimento” (BABO, 2004, p. 105 e 106).

4. Considerações finais

No início de 2015, ainda havia rumores – a crise social longe está de resolução, visto que em São Paulo o Movimento Passe Livre, que deflagrou as manifestações de 2013, continuou a protestar e a reunir pessoas nas ruas, mesmo não tendo a mesma intensidade das Jornadas de Junho. O novo pregado e desejado pelo poeta ainda não se concretizou.

A vida social ainda está em meio ao nevoeiro, sem certezas, e mesmo assim produz-se, escreve, age, o que pode favorecer a frivolidade e a fragilidade de muitas ações e produções artísticas. A rapidez do mundo, facilitada pela internet, nos impulsiona. Para onde? Não sabemos, mas prosseguimos, algumas vezes perigosamente, visto o crescimento da extrema-direita na França e de grupos que pedem intervenção militar no Brasil, por exemplo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BABO, M. O hipertexto como nova forma de escrita In: **Historiografia literária e as técnicas de escrita: do manuscrito ao hipertexto**. RJ: Vieira e Lent, 2004.

BAUMAN, Z. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BELISÁRIO, A. Guerrilhas e Cópias. Disponível em: <http://copyfight.me/livro-copyfight/sobre-guerrilhas-e-copias-adriano-belisario/>. Acesso em maio de 2014.

CAIAFA. Arte, Mídia e Subjetividade In: **Nosso século XXI: Notas sobre Arte, Técnica e Poderes**. Rio de Janeiro: Reluma Dumará, 2000.

CASTELLS, M. **Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da internet**.

Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. Disponível em: <http://www.acessepiaui.com.br/vc-no-acesse/soci-logo-manuel-castells-analisa-protestos/23162.html>. Acessado em agosto de 2013.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

ENTREVISTA à revista Cult: Vinagre e poesia. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/06/vinagre-e-poesia/>. Acessado em dezembro de 2013.

FREITAS, G; SPREIER, P. Ação e Invenção. **Jornal O Globo** (Caderno Prosa e Verso), Rio de Janeiro, 27 de julho. 2013.

HARVEY, D ET AL. **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo Boitempo, 2013.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

LYRA, P. O lugar da poesia. *Jornal Rascunho* nº 97. Curitiba, mai.-2008.

MAINGUENEAU, D. **O contexto da obra literária**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Discurso Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

MALINI, F; ANTOUN. H. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MARTINS, A. O. Modos de produção e circulação na web: algumas notícias da atual literatura brasileira In: **A cultura no ciberespaço**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2009.

MORICONI, Í. Poesia e crítica, aqui e agora In: **Possibilidades da nova escrita literária no Brasil**. Rio de Janeiro: Faperj, 2014.

NEGRI, A. para uma definição ontológica de multidão. Lugar Comum. Nº 19-20. Pág. 15 a 26. Disponível em: http://uninomade.net/wp-content/files_mf/113003120823Para%20uma%20defini%C3%A7%C3%A3o%20ontol%C3%B3gica%20da%20multid%C3%A3o%20-%20Antonio%20Negri.pdf. Acessado em janeiro de 2015.

OBRA COLETIVA. **Vinagre – uma antologia de poetas neobarracos**. Disponível em https://www.mediafire.com/view/8xo1155vho004ir/VINAGRE_UMA_ANTOLOGIA_DE_POETAS_NEOBARRACOS_junho2013.pdf. Acessado em agosto de 2013.

SANTOS, M. R. *A crítica em crise*. Disponível em: <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=629>. Acessado em maio de 2015.

SANTOS, V.C. Poesia Marginal: Lírica e Sociedade em Tempos de Autoritarismo. In: Revista Literatura e Autoritarismo: Rememoração e Reminiscência. ISSN 1679-849X. Número 16. Disponível em: http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num16/art_06.php. Acessado em janeiro de 2014.